Seringueira

QUEDAS NOS PREÇOS DO LÁTEX

Alcides Torres[1] Rafael Ribeiro de Lima Filho[2]

A ÁREA com seringueiras está em larga expansão no Brasil, motivada pela alta de preços do látex no mercado brasileiro nos últimos anos. Desde 2005, a taxa média de crescimento foi 13,5% ao ano. A soja, por exemplo, uma das culturas com maior aumento em área, apresentou taxa média de 4,7% ao ano neste período.

O cenário atual de preços é diferente. No curto e médio prazos, a expectativa é de que os preços do látex se mantenham pressionados negativamente, devido ao forte aumento da oferta no mercado mundial. Alguns agentes-chave estimam em R$ 1,50 o quilo de látex em São Paulo e na região Centro-Oeste para os próximos meses. O dólar valorizado em relação ao real, porém, pode ser um fator de sustentação das cotações, tendo em vista a parcela do produto importado.

Na simulação apresentada, o lucro caiu de R$ 7.000, em 2011 – quando se notou um recorde de alta nos preços –, para R$ 200, em dezembro de 2014.

Resultado econômico

Atualmente, os custos de produção variam entre R$ 1,15 e R$ 1,95 por quilo, dependendo da região, do sistema de produção e do tipo de mão de obra. Considerando um valor médio de R$ 1,55 por quilo de látex, temos um custo de produção muito próximo do preço de venda hoje.

Calculamos a estimativa de rentabilidade da atividade considerando três cenários de preços para o látex em São Paulo:

- O atual (dezembro de 2014), com o produto cotado a R$ 1,60 por quilo;
- Preços antes das quedas (março de 2014), de R$ 2,30 por quilo;
- Preços de 2011, que motivaram a forte expansão da produção, de R$ 3,30 por quilo.

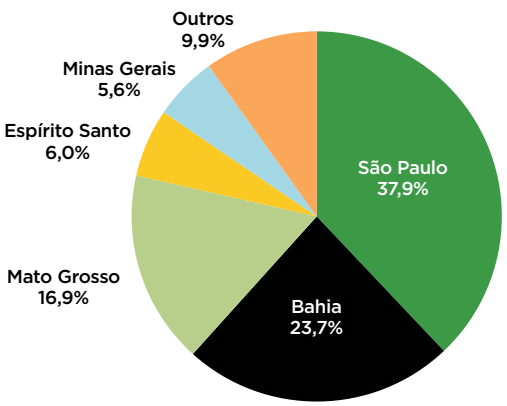
O Cenário 1 indica que o lucro atual é de aproximadamente R$ 200 por hectare por ano. No Cenário 2, o lucro foi de R$ 3.000 e, no Cenário 3, de R$ 7.000. A queda do lucro médio por hectare foi de 93,3%, na comparação entre março a dezembro de 2014. Tomando como referência os preços de 2011, a queda foi de 97,1%.

ESTADO DE SÃO PAULO: ESTIMATIVA DO RESULTADO ECONÔMICO DA PRODUÇÃO DE LÁTEX

	Cenário 1	Cenário 2	Cenário 3
Custo de produção (R$/kg)	1,55	1,55	1,55
Preço de venda (R$/kg)	1,60	2,30	3,30
Árvores (unidade/ha)	500	500	500
Produtividade (kg/árvore/ano)	8	8	8
Produção (kg/ha/ano)	4.000	4.000	4.000
Receita (R$/ha)	6.400,00	9.200,00	13.200,00
Custo de produção (R$/ha)	6.200,00	6.200,00	6.200,00
Lucro (R$/ha/ano)	**200,00**	**3.000,00**	**7.000,00**

Nota: O lucro calculado considera a depreciação de máquinas e equipamentos
Fonte: Scot Consultoria

BRASIL: PARTICIPAÇÃO ESTADUAL NA ÁREA PLANTADA COM SERINGUEIRA, EM 2014



Fonte: Scot Consultoria

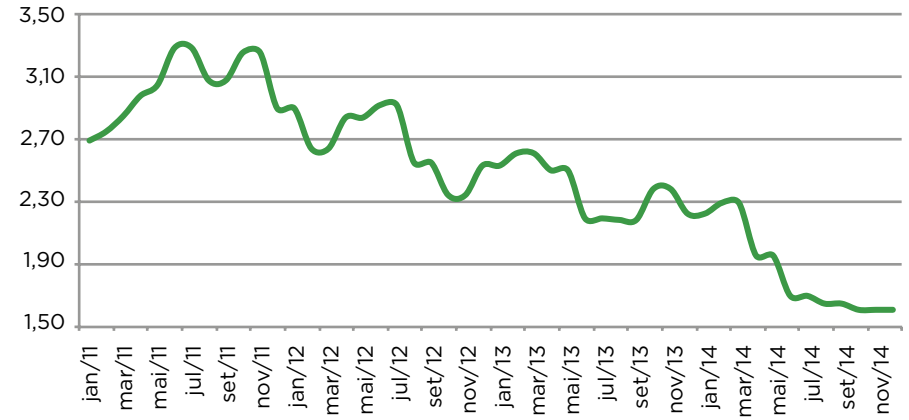
A expansão

Segundo dados históricos da Produção Agrícola Municipal (PAM), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima-se que a seringueira tenha ocupado uma área de 212,05 mil hectares no Brasil, em 2014.

O estado de São Paulo é o principal produtor nacional, com 37,9% da área ou aproximadamente 80 mil hectares. Na sequência, aparecem a Bahia, com 23,7% da área, e o Mato Grosso, com 16,9% do total. Espírito Santo, Minas Gerais e Goiás também são importantes produtores de látex e, juntos, respondem por 14,7% da área com seringueira no País.

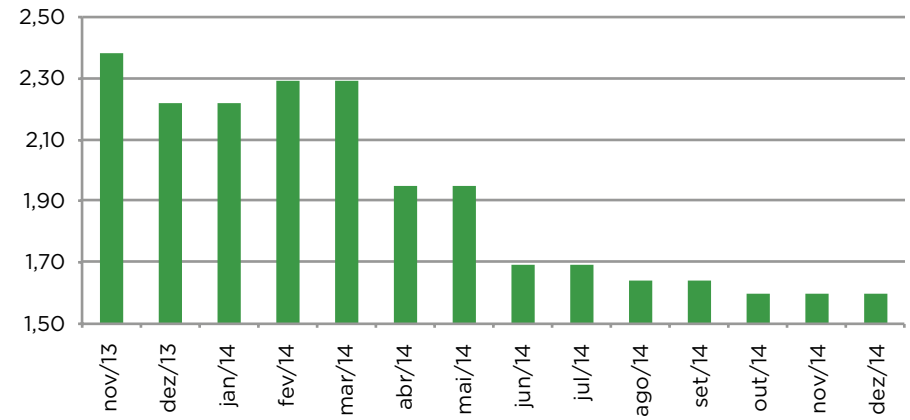
A expansão da área, influenciada pelos altos preços do látex, iniciou-se, em especial, a partir de meados de 2011. Naquela oportunidade, os preços médios do coágulo chegaram próximo a R$ 3,30 por quilo, com picos de até R$ 3,60 por quilo. O principal motivo da valorização foi o aumento da demanda interna, com o forte crescimento da indústria automobilística. Aproximadamente 95% da produção brasileira de látex são destinados à fabricação de pneus.

ESTADO DE SÃO PAULO: PREÇOS MÉDIOS MENSAIS DO COÁGULO (LÁTEX) PAGOS AO PRODUTOR (R$/KG)



Fonte: Apabor

PREÇOS MÉDIOS MENSAIS DO COÁGULO (LÁTEX) COM DRC DE 53% PAGOS AO PRODUTOR (R$/KG)



Fonte: Apabor

Como o Brasil produz apenas um terço da quantidade de borracha consumida, parte da matéria-prima é importada, principalmente da Ásia. Por isso, o mercado nacional é balizado pelos preços internacionais, que atingiram, naquele ano, um nível recorde e estimularam o crescimento da atividade. No exterior, a tonelada da borracha valia cerca US$ 3 mil em fevereiro de 2010, mas chegou à casa de US$ 5 mil em meados de 2011.

O valor de referência do coágulo ou látex para o produto com DRC ou TBS é de 53% – teor de borracha seca (TBS) ou, em inglês, *dry rubber content* (DRC). O valor padrão do mercado é o de 53%. Caso a borracha contenha mais ou menos água, o valor pode subir ou descer. Isso significa que, quanto mais seca estiver a borracha, maior o DRC.

O preço começou a cair neste ano. A causa foi o aumento da produção de látex nos países do Sudeste Asiático. Diante dessa maior oferta, os preços enfraqueceram no mercado internacional para valores perto de US$ 3,0 mil por tonelada, ou seja, patamares próximos de antes da alta em 2011.

Os resultados diretos dessa conjuntura são a queda no resultado econômico da atividade e, também, a diminuição da mão de obra no campo. Com os preços baixos, os produtores deparam-se com dificuldade para contratar mão de obra. Isso porque o seringueiro ou "parceiro" recebe comissão pela produtividade.

Considerações finais

Nos últimos tempos, as dificuldades enfrentadas pelos seringueiros provocaram mobilizações, como a criação da Associação Brasileira de Produtores e Beneficiadores de Borracha Natural (ABRABOR). Por meio desta entidade, os produtores pretendem realizar negociações para o setor ganhar fôlego econômico e não desanimar aqueles com investimentos na cultura. É preciso considerar que uma seringueira leva, em média, sete anos para estar em ponto de produção.

As principais sugestões apresentadas até então foram:

- A criação de uma taxa de equalização sobre o produto importado para garantir a manutenção de um preço mínimo (R$ 2,00 por quilo de látex); e
- O aumento da alíquota do imposto de importação (TEC – Tarifa Externa Comum) de 4,0% para 35,0%.

As propostas estão sendo analisadas, em Brasília, por ministérios como o da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA); o do Desenvolvimento Agrário (MDA); o do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC); o da Fazenda (MF); e pela Casa Civil.

No Mato Grosso, por exemplo, os produtores reativaram a Associação dos Heveicultores do Estado de Mato Grosso (Ahevea-MT). Esta ação demonstra a forte preocupação existente com o setor não só em relação ao preço, mas também a dificuldades para encontrar mão de obra para a atividade.

Além da questão econômica, há o lado social, pois a seringueira é uma cultura perene, que exige colheita manual. Com isso, a heveicultura colabora com a fixação do homem no campo, por meio da geração de emprego e renda. ■

1 Engenheiro agrônomo da Scot Consultoria
2 Zootecnista da Scot Consultoria